



Francisco Rangel Pestana, uma História dos Intelectuais da Educação em São Paulo de fins do século XIX

Francisco Rangel Pestana, a History of Educational Intellectuals in São Paulo at the end of the 19th century

Francisco Rangel Pestana, una historia de los intelectuales de la educación en São Paulo a fines del siglo XIX

Rubens Arantes Correa
Instituto Federal de São Paulo (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0003-0095-7534>
<http://lattes.cnpq.br/6344793366109274>
rubens.arantes65@gmail.com

Resumo

O artigo tem por objetivo resgatar a trajetória de Francisco Rangel Pestana (1839-1903), identificado pelos estudiosos da história política de São Paulo como protagonista do movimento republicano na então província paulista, sobretudo, a partir dos anos 1870 com a criação do jornal *A Província de S. Paulo* (atual *O Estado de S. Paulo*) e seu envolvimento com congressos e partidos políticos em seu tempo. Sem deixar de colocar em relevo o importante papel desempenhado por Rangel Pestana junto à imprensa e a causa republicana em São Paulo, no âmbito desse trabalho, pretende-se jogar luz em sua trajetória como um militante engajado na luta pela educação, seja como autor de artigos e livros didáticos, seja como professor e, ao lado de sua esposa, de proprietário de estabelecimento de ensino. Rangel Pestana, em termos de concepção educacional alinhava-se à ideia ilustrada de que por meio da educação dar-se-ia a construção de um país republicano onde o indivíduo seria capaz de se transformar em cidadão.

Palavras-chave: História da Educação; Intelectuais; Imprensa; República.

Abstract

The article aims to rescue the trajectory of Francisco Rangel Pestana (1839-1903), identified by scholars of the political history of São Paulo as the protagonist of the republican movement in the then province of São Paulo, especially from the 1870s with the creation of the newspaper *A Province of S. Paulo* (now *O Estado de S. Paulo*) and its involvement with congresses and political parties in its time. Without neglecting to highlight the important role played by Rangel Pestana with the press and the republican cause in São Paulo, within the scope of this work, it is intended to shed light on his trajectory as a militant engaged in the struggle for education, whether as author of articles and textbooks, or as a teacher and, alongside his wife, as the owner of a teaching establishment. Rangel Pestana, in terms of educational conception, aligned himself with the enlightened idea that through education the construction of a republican country would take place where the individual would be able to become a citizen.

Keywords: History of Education; Intellectuals; Press; Republic.

Resumen

El artículo tiene como objetivo rescatar la trayectoria de Francisco Rangel Pestana (1839-1903), identificado por estudiosos de la historia política de São Paulo como el protagonista del movimiento republicano en la entonces provincia de São Paulo, especialmente a partir de la década de 1870 con la creación de el periódico *A Provincia de S. Paulo* (hoy *O Estado de S. Paulo*) y su vinculación con congresos y partidos políticos de su época. Sin dejar de resaltar el importante papel jugado por Rangel Pestana con la prensa y la causa republicana en São Paulo, en el marco de este trabajo se pretende arrojar luz sobre su trayectoria como militante comprometido en la lucha por la educación, ya sea como autor de artículos y libros de texto, o como profesor y, junto a su mujer, como propietario de un establecimiento de enseñanza. Rangel Pestana, en cuanto a la concepción educativa, se alineó con la idea ilustrada de que a través de la educación se realizaría la construcción de un país republicano donde el individuo pudiera convertirse en ciudadano.

Palabras clave: Historia de la Educación; Intelectuales; Prensa; República.

Recebido: 26/07/2023

Aprovado: 24/10/2023

Introdução

Os intelectuais tem uma história. Apesar de todos os embates dentro do campo historiográfico e das ciências sociais, seja em matéria de abordagens e de formas de entendimento, seja na forma de compreensão de seu papel nas sociedades, seja na forma de representação, os intelectuais ocupam lugar na sociedade contemporânea, como mediadores, produtores e atores sociais.

Constituindo-se em um campo relativamente recente de estudos, a história dos intelectuais envolve diferentes abordagens, reveladoras de um campo plural e multidisciplinar de investigação abrangendo diferentes aspectos como trajetórias e esboços biográficos, constituição e atuação de grupos unidos por afinidades geracionais e ideológicas, espaços de intervenção e convivialidades, produção e circulação de ideias.

Darnton (1990) refletindo sobre as imprecisões conceituais e as dificuldades de apreensão do objeto, identifica as possibilidades de intersecções que se apresentam para o pesquisador do campo da história dos intelectuais:

a história das ideias (estudo do pensamento sistemático, geralmente em tratados filosóficos), a história intelectual propriamente dita (o estudo do pensamento informal, os climas de opinião e os movimentos literários), a história social das ideias (o estudo das ideologias e da difusão das ideias), e a história cultural (o estudo da cultura no sentido antropológico, incluindo concepções de mundo e *mentalités* coletivas). (DARNTON, 1990:188)

Do entrecruzamento das diversas fronteiras – história social, história das ideias, história cultural – sobressai a interface com o político. A história política dos intelectuais oferece oportunidade de estudo que possibilitam jogar luz sobre determinados períodos e espaços através do conhecimento de trajetórias, militâncias e disputas por legitimidade de ideias por parte de intelectuais e seus grupos afetivos.

Sirinelli (2003) após lembrar as dificuldades para os pesquisadores da história dos intelectuais, sobretudo, pelo próprio ostracismo vivido pela história política e as dificuldades específicas de caracterização dos intelectuais, aponta três aspectos fundamentais em termos teórico-metodológicos para uma abordagem renovadora: os *corpus* textuais, a prosopografia dos itinerários e a reconstituição dos engajamentos:

Para quem estuda a ação dos intelectuais, surge obrigatoriamente problema de seu papel e de seu “poder”, problema que, de certa forma prosaica, pode ser assim resumido: teriam esses intelectuais, em uma determinada data, influídos nos acontecimentos? (SIRINELLI, 2003: 235)

Dessa forma, a execução de um plano de pesquisa de uma história dos intelectuais, envolve, de acordo com a perspectiva adotada por Sirinelli (2003), três noções importantes: a reconstituição dos itinerários, ou seja, o mapeamento dos territórios de engajamento que permite identificar as formas diversas de organização, filiação ideológica e afinidades mais difusas; a noção de estruturas de sociabilidade, ou seja, os espaços compartilhados reveladores do mundo intelectual como redações de revistas e jornais, manifestos; e, por fim, a noção de geração, componente conceitual importante, na medida em que se refere a grupos de intelectuais que se agregam em torno de efeitos de idade e fenômenos de geração ou por comprometimento com um marco fundador que passa a definir a existência do próprio grupo de pertencimento.

Nesse sentido, as noções de itinerários, geração e sociabilidade, sugeridas por Sirineli (2003) dão conta, do ponto de vista metodológico, do objeto tratado no escopo desse trabalho, ou seja, a trajetória e ação de Francisco Rangel Pestana, intelectual que viveu na São Paulo da segunda metade do século XIX e os primeiros anos do XX. De capital social familiar pouco expressivo, estudou, contudo, em uma das referências do exercício intelectual do século XIX: a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, reduto de literatos e contestadores, desde os tempos da guinada romântica, e formadora das elites políticas, tanto na Monarquia como na República.

Viveu em uma São Paulo que passava por um processo de rápida transformação econômica e urbana, impulsionado pelo café que impactou não só os espaços de produção, como das relações sociais. Jornais, revistas, importação de máquinas e ideias, emergência de novos atores sociais e econômicos, melhoramento do aparato urbano através da iluminação a gás, expansão das linhas férreas interligando as zonas produtoras de café com o porto exportador de Santos.

Jogar luz sobre os itinerários de Rangel Pestana permite trazer à relevo momento histórico de transição entre o Império e a República através do olhar de um intelectual que se utiliza de todos os espaços, em uma sociedade intelectual e materialmente precária, para intervir no debate político e educacional da época.

Vivendo em uma sociedade marcadamente escravista e hierarquizada, como a brasileira de fins do século XIX, Rangel Pestana propõe debate, via imprensa e de atuação parlamentar, do que era o principal vetor de sua atuação: a educação como veículo para as transformações no regime político e econômico, de inspiração marcadamente liberal importada, em grande medida, da experiência norte americana.

Trajetoária Familiar, Vida Acadêmica e Inícios da Carreira

Nascido em Iguaçú, Rio de Janeiro em 26 de novembro de 1839 e oriundo de família modesta do interior fluminense, sendo filho de João Jacinto Pestana e de Luiza Rangel Pestana, ficou órfão de pai aos 16 anos tendo sua educação confiada a Antônio Caetano da Silva e a seu padrinho Coronel Francisco José Soares, chefe do Partido Conservador em Iguaçú. (ANTONIO CARLOS, 1877:61)

Realiza os estudos primários, secundários e preparatórios entre a Corte e São Paulo, passando pelas mais diferentes instituições de ensino da época, segundo Hilsdorf (1988:21-25), como o Colégio Pedro II, Liceu Paulistano e Colégio Mamede, convivendo com núcleo, ainda em formação, de futuros protagonistas da vida política na transição Império-República, como Campos Sales, Bernardino de Campos, Francisco Quirino, dentre outros, dando início à sociabilidade que estenderá até os inícios da república, participando de associações literárias e da redação de pequenos periódicos. Ingressa na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em 1859, bacharelando-se na turma de 1863.

Durante o período de acadêmico de Direito em São Paulo revelou sua inclinação para a imprensa, vocação que o marcará para todo a sua vida, vindo a tornar-se, no decorrer do tempo, uma das referências do jornalismo paulistano da segunda metade do século XIX. Foi atuante, ainda, em associações e jornais que congregavam os estudantes da Academia de Direito de São Paulo: orador do Ateneu Paulistano; membro da Associação Culto à Ciência, da qual foi um dos fundadores e colaborador de sua revista de memórias além de membro do Instituto Acadêmico Paulistano.

No jornalismo acadêmico foi diretor da *Revista do Ensaio Filosófico*, tomando parte, ainda, como redator e colaborador dos jornais *O Lírio* (1860-1861), jornal literário e que advogava a reforma da educação da mulher; *O Futuro* (1862), jornal que reunia em seu núcleo os estudantes Theophilo. C. Ottoni, Cesário Alvim e Belfort Duarte, mesmo grupo que criará, no ano seguinte, *A Época*. Em *O Tymbira* (1860-1861), jornal de tendência liberal e que reunia, entre outros, Limpo de Abreu e Monteiro de Souza e Rangel Pestana respondendo pela redação (ANTONIO CARLOS, 1877:62). Dos tempos como jornalista acadêmico ficaram registros como esse publicado por *O Lírio*, em edição de 1860:

O dia em que em nosso país não houver mais escravos o futuro de nossas famílias será mais risonho, mais feliz, mas racional, porque a educação de nossos filhos será melhor. Feliz o dia em que nossos descendentes possam dizer: - Somos filhos de pais aonde impera a liberdade! Neste dia o Brasil terá direito de se apresentar às nações cultas do mundo como uma nação civilizada e respeitável. Neste dia os brasileiros serão livres e patriotas, porque temos esperança que então haverá mais civismo, dignidade, mais pundonor, porque esse servilismo que nos abate o orgulho nacional, nos envergonha no estrangeiro e até nos faz esquecer a nossa própria dignidade de homens livres, cessará! (apud HILSDORF, 1988:32)

Da convivência com o grupo de estudantes nos tempos de São Paulo, Rangel Pestana estreitará relações pessoais e profissionais construindo uma rede de sociabilidade e compartilhamento típica dos processos de inserção social de indivíduos oriundos de extratos sociais de menor prestígio como era seu caso.

De acordo com Sirinelli (2003) indivíduos empenhados em atividades intelectuais como as da imprensa, do direito e da educação, se revelam habilidosos nos processos de inserção social através das redes sociais construídas em estabelecimentos educacionais e redações de jornais e revistas, além das convergências geracionais de ideias próprias da idade.

Em 1864, após concluir o curso de Direito, passa a residir na Corte, e diante da frustração de não ser nomeado promotor público na província do Rio de Janeiro, ocorre-lhe de aceitar convite do Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos para assumir o posto de redator do *Diário Oficial*, cargo em que permanece por pouco tempo, possivelmente, em razão de conflito com a orientação política do jornal:

Meses depois o conselheiro Zacarias de Góes chamou Pestana à redação do *Diário Oficial*. Rápida foi a sua passagem na redação deste jornal; profunda divergência no modo de considerar o pensamento político da folha tornaram-no incompatível com o chefe do gabinete, e ele preferiu, com louvável independência, retirar-se a mentir às suas convicções [...] (ANTONIO CARLOS, 1877:63)

A despeito do insucesso inicial, Rangel Pestana permanece na atividade jornalística que de resto lhe ocupará toda sua vida profissional e política. Muitas das publicações em que estará envolvido a partir de então tem relação direta com as oscilações do campo político do contexto de crise que marcou a história do 2º. Reinado a partir, sobretudo, dos anos 1860 com as cisões dentro do Partido Liberal que deram origem a grupos políticos diversos.

Retoma as relações pessoais construídas nos tempos da Faculdade de Direito, em São Paulo e ao lado de Henrique Limpo de Abreu, à época deputado pela província de Minas Gerais à Assembleia Geral, e José Luiz Monteiro de Souza, funda o jornal *Opinião Liberal*, em 1866, cuja criação se dá em contexto de cisão política dentro do campo liberal em função do descontentamento com os rumos tomados pela política governamental desenvolvida pela Liga Progressista que se encontrava no poder havia desde 1862 com a subida à chefia do Conselho de Ministros por Zacarias de Góis e Vasconcelos, principal nome dessa agremiação política.

A Opinião Nacional, assim se denominou essa folha, pronunciava-se energicamente contra o poder pessoal, que a *Opinião* considerava criação da carta constitucional: aconselhava aos *históricos* que pugnassem pela extinção do Poder Moderador; pelo sufrágio direto e generalizado; pelo ensino livre em relação à escola e ao professorado; pela abolição da guarda nacional; pelo política eletiva; pela temporariedade do senado; pelas franquezas provinciais sobre o princípio eletivo; pela substituição lenta e gradual do trabalho escravo pelo livre; pela emancipação da lavoura por meio de instituições de crédito adaptadas às condições de sua existência. (BRASILIANSE, 1979:31-32)

O jornal de Rangel Pestana passa, então, a ser a expressão pública da facção liberal dissidente que, posteriormente, passou a se chamar Liberais Radicais. Colaboravam na folha de Rangel Pestana elementos ligados a esse grupo como os irmãos Theophilo e Christiano Ottoni (ativistas de vários episódios da história política tanto do Império como da República), Urbano Sabino Pessoa de Mello (autor de livro sobre a Revolta dos Praieiros, em Pernambuco), José Maria do Amaral (poeta, representante diplomático e Conselheiro do Império), dentre outros.

O *Opinião Nacional* veio a ser extinto em 1868 e o seu programa editorial, apesar da extinção, teve continuidade no ano seguinte, com o surgimento de *O Correio Nacional*, ocorrido em um novo contexto político com a ascensão do Partido Conservador ao governo. Em *O Correio Nacional*, Rangel Pestana divide com Henrique Limpo de Abreu as tarefas da redação. Em seu editorial de estreia os redatores explicitam o programa político que pretendem defender:

O Correio Nacional quer como os melhores publicistas modernos que o governo seja só governo, que distribua justiça, mantenha a ordem, puna o crime, arrecade o imposto, represente o povo; mas não transponha a meta natural, não se substitua a sociedade; que seja a liberdade a luz que o guie nas escabrosidades da administração e da política. (BRASILIANSE, 1979:38)

Após elencar o que consideram as marcas características do governo do Império – “governo que deprecia as instituições pela fraude, pelo sofisma e pela corrupção; que defende o sistema representativo, mas deturpa-o em sua origem e burla-o nos seus efeitos; que promete a abolição do elemento servil, mas que reduz, à escravidão, aqueles, cujos serviços goza” (BRASILIANSE, 1979:34) – os editorialistas de *O Correio Nacional* provocam o leitor com uma proposta que consideram radical:

Arranquemos da tutela governamental o indivíduo, o município, e a província. Emancipemos o indivíduo garantindo-lhe a liberdade de culto, de associação, de voto, de ensino e de indústria; O município – reconhecendo-lhe o direito de eleger a sua polícia, de prover as suas necessidades peculiares, de fazer aplicação de suas rendas, e de criá-las nos limites de sua autonomia. A província – libertando-a da ação esterilizadora e tardia do centro, respeitando-lhe a vida própria, garantindo-lhe o pleno uso e gozo de todas as franquezas com a eleição de seus presidentes, de sorte que elas se administrem por si sem outras restrições além estritamente reclamadas pela união e interesse geral. (BRASILIANSE, 1979:36)

Rangel Pestana encontra-se, nesta conjuntura, absorvido pelo ambiente político e não só pelo *Correio Nacional* – síntese de um programa reformista de maior densidade propugnado pelo campo liberal – como tomará parte, também, em conferências e reuniões públicas promovidas pelo Clube Radical, no Rio de Janeiro. A hesitação, no entanto, das lideranças do Partido Liberal e de outros militantes do mesmo campo político, afastou Rangel Pestana que se aproximou do movimento republicano que, àquela altura do ano de 1870 encontrava-se em plena efervescência na cidade do Rio de Janeiro.

A articulação política entre os descontentes com o Partido Liberal resulta naquele que se transformará no marco do movimento republicano no Brasil: a 3 de dezembro de 1870 é lançado o primeiro número do jornal *A República* (fruto da fusão de *Opinião Liberal* e *Correio Nacional*) e com ele o Manifesto Republicano assinado por cerca de sessenta cidadãos das mais diferentes ocupações profissionais, entre os quais, funcionários públicos, fazendeiros, engenheiros, professores, jornalistas, médicos, comerciantes, advogados.

Entre os signatários estão nomes que marcariam a história política do país nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX: Rangel Pestana e seu colega dos tempos de Faculdade de Direito, Henrique Limpo de Abreu, Aristides Lobo, Saldanha Marinho, Quintino Bocaiúva (a quem se atribui a elaboração do manifesto), Salvador de Mendonça, Lopes Trovão, Américo Brasiliense, entre outros. (ANTONIO CARLOS, 1877: 66)

Por essa época, em razão de problemas de saúde Rangel Pestana vê-se na contingência não só de abrir mão do cargo para o qual fora indicado pelo Clube Republicano, recém-fundado, – redator do jornal *A República* – como a de ter que estabelecer residência em Campinas, interior de São Paulo. Permanece em Campinas exercendo a advocacia e mantendo colaboração rotineira com o jornal *Gazeta de Campinas* através do qual trava contato com alguns dos membros do grupo de intelectuais paulistas, no caso, José Maria Lisboa, Francisco Quirino dos Santos e Campos Sales, todos ligados a mesma folha campineira.

Retorna à Corte, onde permanece até o ano de 1874. Neste período, Pestana além de envolver-se, novamente, na campanha republicana, toma parte nas tentativas de salvar da bancarrota o principal veículo do movimento - o jornal *A República*, órgão oficial do movimento republicano, vivia um momento de insolvência financeira - participando de suas primeiras experiências no campo educacional, ao fundar, conjuntamente com Henrique Limpo de Abreu, a Escola do Povo, instituição educacional voltada aos trabalhadores, oferecendo cursos avulsos no período noturno.

A Escola do Povo.' inaugurada na Corte em 1º- de agosto de 1873, representa a tentativa mais íntegra de concretização do pensamento político-pedagógico das lideranças democráticas dos inícios da década de 70 sobre educação popular, amplamente influenciado por padrões norte-americanos. Era uma instituição fruto da iniciativa privada, erigida com capitais associados, com um currículo atualizado, diverso do programa oficial, oferecendo cursos diurnos regulares e aulas noturnas avulsas para ambos os sexos, serviços de biblioteca e um cuidado aparelhamento e instalações materiais, etc. Empreendimento coletivo, organizado por Pestana, Henrique Limpo de Abreu, Miguel V. Ferreira e José Teles Menezes, nomes conhecidos entre os radicais e republicanos da Corte, com o objetivo de "dar ao país uma instrução real, civil e científica". Oferecia nas suas aulas noturnas verdadeiros cursos de formação, de orientação e conteúdos democráticos e cientificistas-positivistas. (HILSDORF, 1988:60)

Com a Escola do Povo, Rangel Pestana dava início a outra face de sua atuação intelectual e profissional através da gestão e da docência em instituições escolares. (ANTONIO CARLOS, 1877:66). Imbuído das influências cientificistas, positivistas e do liberalismo, concepções filosóficas em voga e precariamente transmitidas e consumidas pela sociedade intelectualizada de seu tempo, Rangel Pestana, projetou na educação escolar o viés de atuação antimonárquica que vinha ao encontro dos interesses das elites políticas e econômicas de São Paulo, ansiosa por prestígio e reconhecimento.

Imprensa, Educação e Atuação Parlamentar

Ao retornar à província de São Paulo, Rangel Pestana, intensificará a partir de meados dos anos 1870 sua atuação tanto no campo educacional como no jornalístico. Em 1874 encontrava-se em Campinas, a convite de George Nash Morton, missionário presbiteriano norte-americano que havia acabado de fundar o Colégio Internacional de Campinas, assumindo as cadeiras de Retórica e Língua Nacional. (ANTONIO CARLOS, 1877:67-68).

Segundo Hilsdorf (1986) o interesse de Rangel Pestana pela educação se acentuou quando da troca de ideias e experiências que manteve com Nash e religiosos presbiterianos e metodistas, que mantinham escolas em São Paulo e Campinas, seguindo o modelo pedagógico norte-americano. A partir, de então, a educação torna-se um dos pilares importantes no repertório de Pestana enquanto ferramenta de crítica à monarquia e suas instituições. Por meio da educação acreditava ser possível reformar, política e mentalmente, a sociedade brasileira.

A educação impõe-se, pois, como ferramenta importante no pensamento e na prática política de Rangel Pestana naquilo que entendia como sendo o indispensável processo de transformação da vida política nacional através da formação moral e intelectual das novas gerações de brasileiros. Daí por diante a defesa da educação pauta suas intervenções seja na condição de redator ou colaborador de folhas jornalísticas, seja em suas participações em congressos político-partidário bem como em suas atividades em legislaturas.

Em pouco tempo torna-se membro de grupo de intelectuais que compartilha dos mesmos espaços e ideais girando em torno de instituições escolares, tanto na capital como no interior, como o Colégio Culto a Ciência, sediado em Campinas, criado em 1874 por iniciativa de uma irmandade maçônica cujos membros, também, faziam parte da sociabilidade

republicana paulistana; do já citado Colégio Internacional de Campinas, iniciativa de religiosos presbiterianos capitaneados pelo Reverendo George Nash Morton, além de colégios em cidades como Itu e Amparo, dentre outras localidades, em geral, pertencentes a região do chamado Oeste paulista.

Em São Paulo, Rangel Pestana funda o Colégio Pestana destinado a educação de meninas – que dirigia em conjunto com sua esposa Damiana Quirino, irmã de Francisco Quirino dos Santos, seu colega nos tempos de Faculdade Direito e à época a frente da redação da *Gazeta de Campinas*, jornal que reunia grupo de homens de letras e políticos perfilados à causa republicana. Em anúncio em *Almanach Litterario de São Paulo para o ano de 1877*, publicado por José Maria Lisboa (1877:180-181), toma-se conhecimento do funcionamento administrativo e pedagógico do Colégio Pestana.

O colégio fora inaugurado em 1876 e instalado à rua da Boa Morte, 36 possuindo em seu quadro de professores nomes como Américo Brasiliense, Américo de Campos, além dos próprios diretores. O currículo era definido em seis anos ao longo dos anos eram oferecidas disciplinas nas mais diferentes áreas como línguas estrangeiras, português, matemática, noções de ciências naturais, literatura, geografia e história, integradas a um conjunto de disciplinas práticas como artesanatos e bordados, e até mesmo “direitos da mulher na sociedade brasileira”, algo inusitado para os padrões morais conservadores da sociedade brasileira à época. Além disso, o anúncio enfatiza que os métodos de ensino seguem padrões suíços, germânicos e norte-americanos.

Pestana se vê na contingência de transferir o controle do colégio à Ana Schraeder, uma das professoras de línguas estrangeiras, em 1879. Na mesma linha de atuação, ou seja, seguindo o ideário liberal-positivista de crença na transformação da ordem político-social através da educação, Rangel Pestana vai se ligar a João Kopke, e, juntos, criam a Escola Neutralidade, em 1884, em São Paulo, aí exercendo o magistério, além de escrever livros didáticos.

Organizada segundo as exigências metodológicas da época, de ensino intuitivo e concreto, a Neutralidade sobressaiu-se nos quadros do ensino paulista também por apresentar-se ostensivamente positivista na sua fundamentação, nos seus objetivos e no regime de trabalhos. Oferecia à crianças de sete a quatorze anos o que as elites progressistas consideravam necessário para a formação atualizada de seus integrantes: línguas, ciências físicas, naturais e exatas, humanidades e belas-artes. Concebida como órgão anexo à família, ministrava, em regime de coeducação - "porque a família co-educa"³⁶, - instrução física, mental e moral "sem a preocupação especial dos exames, sem a rotina dos compêndios ditos clássicos, dos pontos improvisados. O ensino (...) resumir-se-á em poucos professores e bastante trabalho; poucos livros e muita atenção: rara decoração, muitas notas e exercícios. (HISLDORF, 1988:66)

Segundo Panizzolo (2011) João Kopke e Rangel Pestana eram contemporâneos desde os tempos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, e depois afinaram os vínculos de amizade por meio de ações em conjunto na imprensa e em instituições escolares. Kopke não foi propriamente um militante da causa republicana, mas tal como Rangel Pestana e demais membros do grupo político-intelectual que frequentava, também compreendia a educação como uma estratégia dos embates antimonárquicos. Sua trajetória foi muito mais marcada pela atuação como professor e pedagogo:

Kopke foi diretor e professor de várias matérias do ensino primário e secundário, dedicou-se a uma profícua produção intelectual escrita voltada a temas relativos à educação e ao ensino, além de ter participado dos principais eventos da vida educacional do período, proferindo conferências pedagógicas e participando como crítico e polemista sempre a serviço da “santa causa republicana”. (PANIZZOLO, 2011:82)

Os anos 1870/1880 são de aprofundamento da crise política do Império. A queda do Gabinete Zacarias de Góes em 1868 abre uma cisão dentro do edifício político monárquico da qual se aproveitam os grupos oposicionistas, em especial, os grupos vinculados ao Manifesto Republicano de 1870, dispersos entre o Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e outras localidades. Grupos de interesses e afinidades políticas e ideológicas se formam e se consolidam debatendo os temas mais caros para aquele contexto histórico como o federalismo, a descentralização, o trabalho escravo, a imigração, a representação dos partidos monárquicos, os rumos da educação.

Nesta conjuntura, educação e imprensa, além da atividade político-partidária institucional tornam-se o viés principal da atuação de Rangel Pestana. Em São Paulo mantém por meio do trabalho na imprensa estreitas relações pessoais com o grupo de militantes republicanos, fazendeiros de café e as elites políticas paulistas, levando-o a tornar-se principal voz desses grupos quando se tratava da questão educacional, pleiteando, inclusive, cargos representativos no Partido Republicano.

De acordo com Hilsdorf (1993) o ideário político-pedagógico defendido pelas emergentes elites econômicas paulistas, do qual Rangel Pestana era seu principal representante educacional, vinculava educação escolar às necessidades de desenvolvimento econômico e o estabelecimento de um regime político baseado na descentralização e no federalismo. Dessa forma, aspiravam as elites de São Paulo:

Uma rede escolar que oferecesse ensino moderno, científico, de nível secundário e superior, para as “classes preponderantes”, e uma escola primária enriquecida nos seus conteúdos e extensa em termos de clientela, para a preparação da mão-de-obra livre. (HILSDORF, 1993:146)

Interesses profissionais, escolhas ideológicas e laços pessoais levam Rangel Pestana a entrar para a sociedade que deu origem, em 1875, ao jornal *A Província de São Paulo*, no qual exerceria a função de redator dividindo-a, inicialmente, com Américo de Campos, tendo em José Maria Lisboa, como gerente e administrador, e através do qual sua atuação jornalística alcançaria maior visibilidade e notoriedade. Ficará à frente do jornal desde sua fundação até os inícios da República quando se afasta para exercer cargos no nascente regime.

Gravitando em torno de *A Província de São Paulo* movia-se grupo de homens de letras, fazendeiros de café e profissionais liberais, notadamente advogados com aspirações políticas, tais como Américo Brasiliense, Manuel Ferraz de Campos Salles, Martinho Prado Junior, Francisco Glicério de Cerqueira César, dentre outros, que mantinham relativa unicidade de ideais e objetivos nos mais diferentes campos.

Por influência de Rangel Pestana *A Província de São Paulo* logo em seu primeiro ano de criação passa a emitir opinião sobre educação como no editorial de 4 de fevereiro de 1875 no qual relaciona nível de escolarização do povo e padrão de desenvolvimento econômico da sociedade norte-americana:

Os cidadãos daquele maravilhoso país, cujo extraordinário progresso em todos os ramos da atividade humana enche de justa admiração o mundo civilizado, quando querem para si um título de nobreza perdurável e capaz de perpetuar o seu nome na memória das futuras gerações, não procuram esses brasões que se extinguem com a vida e que afinal nada significam, mas tratam com um desinteresse e uma nobreza d'alma, dignas de imitação, de gravá-lo na fachada de um templo, que possa recolher o povo para ensiná-lo a meditar e a raciocinar. E quando o esforço individual não basta para a realização de tão grande obra, congregam-se os elementos esparsos, as vontades isoladas se associam e diante dessa comunhão de forças desaparece o impossível. (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, editorial, 4 fevereiro, 1875)

Ao longo de sua trajetória o jornal assume a condição de verbalizar o repertório defendido pelo grupo econômico e político-intelectual hegemônico debatendo enfaticamente temas que confrontavam com o sistema político monárquico como federalismo, descentralização, política de imigração, expansão ferroviária, instrução pública, reforma do sistema política que suprimisse o Senado Vitalício e Poder Moderador, dentre muitos outros.

À frente da redação do jornal, Rangel Pestana prioriza sua atuação jornalística na defesa da educação pública e laica, ao espírito dos limites do liberalismo defendido pelo grupo republicano paulistano ao qual se vinculava. A educação a serviço do cidadão republicano, eis o ideal educacional preconizado em editoriais e artigos publicados em *A Província de São Paulo*. Na edição de 28 de agosto de 1880 após condenar o desinteresse geral pela educação por parte do governo monárquico, a precariedade da formação científica e dos métodos de ensino, denuncia a falta de recursos orçamentários para mudar a realidade educacional do país:

Em nosso país, que não prima pela economia e boa aplicação das rendas, os orçamentos pouco dispõem para o ensino nos seus diversos graus, ou quando menos, hão de confessar os que pensam de modo contrário, as verbas votadas não correspondem às necessidades da mentalidade popular. Desde as escolas primárias ruins, como as temos, até aos cursos superiores, pode-se dizer, tudo está por completar. (A PROVÍNCIA DE S. PAULO, 28.08.1880)

De acordo com Hilsdorf (1988:54-53), Rangel Pestana e *A Província de São Paulo* se posicionaram por meio de editoriais, artigos, notícias e notas contra o ensino monárquico e católico (a quem chamavam de jesuítico) pois consideravam antidemocráticos e anticientíficos, além de representarem obstáculos para elevação do país à condição das nações mais prósperas à época (leia-se Estados Unidos, modelo a ser seguido conforme o ideário dos republicanos paulistas). Defendiam modelos de educação baseados no laicismo, no livre pensamento (leia-se no o modelo liberal de ensino) e no cientificismo (leia-se os ideais positivistas).

Uma rápida passada de olhos pelos anúncios de estabelecimentos de ensino nas páginas de *A Província de São Paulo* permite o entendimento que, possivelmente, o jornalista e professor Rangel Pestana entendia como “melhor instrução” para os padrões da época: Colégio Piracicabano, então sob a direção de Miss M. H. Watts e dedicado ao ensino primário e secundário, anuncia o seu reinício de ano letivo; a Escola Alemã, externato para meninos e meninas que oferecia ensino primário e secundário, localizado à rua da Constituição em São Paulo; Colégio Pestana, à época sob a direção de Ana Schraeder, egressa da Alemanha, e que contava em seu quadro docente com figuras como Américo de Campos, Américo Brasileiro;

Colégio Alemão, localizado em São Paulo e sob a direção de Berta Wegner, oferecendo currículo baseado em línguas estrangeiras, aritmética e ensino de piano; Colégio Internacional, de Campinas, sob a direção de G. Nash Morton.

Por outro lado, e concomitantemente a sua atuação na educação, Rangel Pestana enveredou, ainda, pela política partidária, exercendo mandatos como Deputado pelo Partido Republicano nos biênios 1882-1883 e 1886-1887. Ao lado de candidatos e militantes do partido como Campos Sales, Prudente de Moraes, Martinho Prado Jr., Francisco Quirino, Luís Pereira Barreto, Américo Brasiliense, dentre outros, tomou parte da elaboração de um programa político relativamente abrangente envolvendo diferentes proposições como imigração, secularização dos cemitérios, descentralização política e financeira, liberdade de culto, entre outros.

Rangel Pestana, contudo, apresentava-se como principal proponente de seu partido em assuntos educacionais, defendendo o ensino público e livre em todos os níveis, além da criação de escolas superiores em todas as províncias.

À frente dos mandatos parlamentares, Rangel Pestana propôs projetos de lei visando o financiamento da instrução pública e plano de reforma do ensino elementar e normal. (HILSDORF, 1993:145). Um exemplo é o editorial publicado em *A Província de São Paulo* de 07 de novembro de 1882, defende que os investimentos de recursos provenientes de uma loteria criada para a construção de um monumento em comemoração ao cinquentenário da Independência, fossem empregados na criação de escolas secundárias:

Somos pelas instituições de ensino secundário assentadas em largas bases [...] O principal destino, porém, a dar ao produto das loterias do Ypiranga deve ser a criação de um estabelecimento de instrução com capacidade para as aulas de um bom liceu, para as da Escola Normal e as especiais do Liceu de Artes e Ofícios [...] Pensamos como o ilustrado dr. Luiz Pereira Barreto e muitos publicistas modernos: ensinar ler e escrever não é o meio de preparar um povo para a compreensão de seus deveres, nem habilitá-lo para vencer as dificuldades que o rodeiam. Generalizar uma péssima instrução não é, e nunca foi, meio de erguer o nível moral e intelectual de um povo. (A PROVÍNCIA DE S. PAULO, 07.11.1882)

Apresentou, então, projeto à Assembleia Provincial visando contemplar a proposta para a criação de escolas secundárias financiadas pelos recursos da então loteria Ypiranga que, no entanto, não só não obteve êxito de aprovação como se arrastou por diversas legislaturas até os primeiros anos do regime republicano.

A proposta de criação de escolas de nível secundário – Escola Agrícola, Liceu de Artes e Ofícios, além da reforma da Escola Normal – fazia parte da visão de educação do núcleo republicano paulista, da qual tomava parte Rangel Pestana, que desejava a formação de mão de obra qualificada para alavancar a expansão econômica desejada pela elite cafeeira e ligada ao mercado exportador.

Ainda no exercício parlamentar, Rangel Pestana voltou sua atenção, também, para a Escola Normal, entendendo que ela deveria passar por reforma que a colocasse em condições de atender as necessidades do tempo. Criticava a estrutura curricular da escola e as constantes interferências políticas no seu funcionamento. Em editorial de *A Província de São Paulo* datado de 1º de agosto de 1880 escrevia:

A instrução pública é assunto importantíssimo e exige muitos cuidados. [...] Não creia o honrado sr. dr. Laurindo que a Escola Normal vem sanar os vícios do ensino público e eleva-lo à altura das necessidades da época. Os bons efeitos desta instituição dependem de outras medidas relativas a direção da instrução pública. [...] Enquanto o professor não estiver nas condições de ser só professor e dedicar-se ao magistério, as cadeiras hão de continuar vagas. [...] Nenhum homem de merecimento e com forças para trabalhar quer exercer o professorado público, e os poucos que aparecem, experimentam os espinhos da cadeira e deixam-na para entregar-se a trabalhos rendosos. (A PROVÍNCIA DE S. PAULO, 01.08.1880)

No decorrer de seus dois mandatos parlamentares, Pestana não obteve êxito total em suas propostas de reformas da instrução pública como se dizia à época. Os projetos de lei de criação de instituições escolares ou de reforma daquelas já existentes foram, em grande medida, alteradas por interesses diversos dos seus ou foram colocados de lado pelos executores das políticas públicas locais, em razão das diferenças partidárias. Contudo, muitas das ideias que semeou naquele momento foram adotadas, posteriormente, em especial, após a proclamação da República em 1889, quando terá atuação de destaque no governo de Prudente de Moraes, apoiando as reformas empreendidas por Caetano de Campos.

Após a Proclamação da República, Rangel Pestana assumiu cargos e funções no nascente regime tanto em nível estadual como nacional como, por exemplo, o de representante paulista na Comissão que elaborou o anteprojeto da primeira Constituição republicana, exercendo, ainda, diversos mandatos eletivos como Senador e Deputado Federal tanto por São Paulo como pelo Rio de Janeiro.

Considerações finais

Francisco Rangel Pestana pertenceu a geração de intelectuais brasileiros chamada de “Geração 1870”, traçando percurso típico de um intelectual de sua época, ou seja, combinando diversas ações profissionais – imprensa, direito, educação, política partidário-parlamentar.

Contudo seu engajamento na vertente educacional, o credenciou a ser um ator diferenciado daqueles que estiveram presentes no contexto da transição Império-República. Diferentemente de muitos de seus contemporâneos que foram signatários do Manifesto Republicano de 1870, ou que estiveram engajados em congressos e publicações de natureza republicana, Rangel Pestana tinha o entendimento de que a república somente teria êxito entre os brasileiros se fossem educados para tal. Daí seu esforço como professor, como fundador de instituições educacionais, como autor de artigos de imprensa e de livros didáticos e, por fim, com atuante atividade parlamentar em favor da educação e das reformas que entendia necessárias.

Não sendo exatamente um teórico sobre educação e por isso não apresentando vasta produção livresca, Rangel Pestana assumiu a condição de autor de livros didáticos destinados às escolas de nível primário e secundário e de professor.

Como era próprio da geração de intelectuais de seu tempo, o grosso de suas ideias sobre educação foi veiculado por intermédio de veículos de imprensa, desde os tempos do jornalismo acadêmico quando defende a educação feminina até jornalismo político, propriamente dito, quando pelas páginas de *A Província de São Paulo* empenhou-se em debater questões sobre currículos escolares, reformas educacionais, formação de professores e métodos de ensino.

Referências

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO. (edições 04.02.1875, 01.08.1880, 28.08.1880, 07.11.1882)

CARLOS, Antônio. Nota biográfica de Francisco Rangel Pestana. In: LISBOA, J. M. (Org.). *Almanaque Literário de São Paulo para o ano de 1877*. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1982b. 133 Ibid., p.61-62.

DARTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. 1986. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. Nas colinas do Ipiranga: Palacete-Asilo, Escola ou Museu? *Rev. Inst. Est. Bras.*, São Paulo, 35:145-155, 1993. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i35p145-155>

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Francisco Rangel Pestana: o educador esquecido*/Maria Lúcia Spedo Hilsdorf. Prêmio grandes educadores brasileiros: monografia premiada 1987/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. - Brasília, 1988.

MELO, Américo Brasiliense de Almeida e. *Os programas dos partidos e o segundo Império*. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979.p. 25-39.

PANIZZOLO, Cláudia. A história intelectual e a história de um intelectual da educação brasileira. *Ponto e Vírgula*, 10:74-88, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. 2ª.ed., Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003, pp. 231-269.